



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

ZAÍRA DE AQUINO CAROLINO

**A LITERATURA INFANTIL E SUAS POSSÍVEIS
CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES**

CAJAZEIRAS - PB

2009

ZAÍRA DE AQUINO CAROLINO

**A LITERATURA INFANTIL E SUAS POSSÍVEIS
CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES**

**Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em Plena em Pedagogia do
Centro de Formação de Professores da
Universidade Federal de Campina
Grande, como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciada em
Pedagogia.**

Orientadora: Professora Ma. Maria Janete de Lima.

CAJAZEIRAS - PB

2009



C2921 Carolino, Zaíra de Aquino.
A literatura infantil e suas possíveis contribuições para a formação de leitores / Zaíra de Aquino Carolino.-
Cajazeiras, 2009.
53f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2009.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Literatura infantil. 2. Formação de leitores. 3. Projeto de leitura. 4. Prática de ensino - literatura infantil. I. Lima, Maria Janete de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 82-93

ZAÍRA DE AQUINO CAROLINO

**A LITERATURA INFANTIL E SUAS POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES PARA A
FORMAÇÃO DE LEITORES**

Monografia aprovada em 20, fevereiro de 2009.

Maria Janete de Lima

Orientadora – Professora Maria Janete (Ms)

**CAJAZEIRAS- PB
2009**

DEDICATÓRIA

A Deus, minha inspiração, meu tudo.

A meus pais, Zilmaú Carolino de Souza e Maria de Aquino Carolino.

A meus irmãos, Zairton, Zaerson, Zailene, Zilmara, em especial ao meu sobrinho Nicolas Rian.

A meus orientadores, Dorgival Gonçalves e Lílian Galvão.

Aos estudantes que participaram dessa pesquisa.

AGRADECIMENTOS

A Deus por me proteger e guiar em todos os momentos. Obrigada Senhor por ser meu espelho.

Ao Papa João Paulo II, por me ouvir nos momentos de aflição.

A minha família, em especial pai e mãe. “Deus te trouxe aqui para aliviar os meus sofrimentos”.

Aos professores e professoras, por terem proporcionado a oportunidade de um grande desempenho dentro da instituição e pela demonstração de que grandes profissionais podem ser formados apenas com o incentivo do conjunto formador. Em especial Maria Janete pela orientação criteriosa.

Aos meus amigos de convívio estudantil e pessoal. “Amigos para sempre é o que nós iremos ser...”.

Aos demais que contribuíram para com a minha formação moral e ética de grande cidadã, nunca sendo dessa forma esquecidos pela enorme contribuição na minha vida, deixando marcado o meu grande agradecimento. Muito obrigada!

SUMÁRIO

RESUMO.....	08
INTRODUÇÃO.....	09
CAPITULO I.....	12
1-A HISTÓRIA DA LITERATURA INFANTIL.....	12
1.1 - O surgimento da Literatura Infantil.....	16
CAPITULO II.....	20
2-A ESCOLA E O TRABALHO PEDAGÓGICO COM LEITURA: Situando o estudo através da Literatura Infantil.....	20
2.1 –A Literatura Infantil através das narrativas.....	25
2.2 - A Literatura Infantil através do teatro para crianças.....	29
CAPITULO III.....	32
3- CARACTERIZANDO A ESCOLA E ANALISANDO QUESTIONÁRIOS.....	32
3.1 - Identificação e Histórico da Escola.....	32
3.2 - Perfil do Corpo Docente e Discente.....	33
3.3 - Análise dos questionários dos Educadores.....	34
3.4 -Análise dos questionários dos Gestores.....	39
3.5- Análise dos questionários dos Educando.....	41
CAPÍTULO IV.....	44
4- REFLETINDO SOBRE A PRÁTICA DA LITERATURA INFANTIL EM SALA DE AULA.....	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	49
ANEXOS.....	51

RESUMO

Este trabalho monográfico é uma exigência do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande; Campus de Cajazeiras. Neste tecemos reflexões sobre Literatura Infantil na formação de leitores. A pesquisa registrada nesta monografia foi desenvolvida na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Manoel Gonçalves da Silva, localizada na zona rural da cidade de Cajazeiras - PB, a qual foi realizada no último período do curso de Pedagogia e teve como objetivos identificar e analisar a Literatura Infantil e suas contribuições para a formação de leitores; as dificuldades que os educadores encontram em se trabalhar com a mesma; identificar o significado que os educando têm sobre a mesma e analisar a metodologia de leitura em sala de aula. O interesse pela pesquisa deu-se a partir do momento que passamos a nos deparar com problemas de não gosto pela leitura nos adultos, alegando não terem recebido um incentivo quando crianças, uma formação adequada. Dessa forma, com este trabalho pretende-se implantar projetos de leitura em sala de aula, juntamente com a aplicação da Literatura Infantil. A metodologia utilizada foi à pesquisa bibliográfica e a pesquisa-ação, ambas de quinho qualitativo. Os instrumentos de coleta de dados foram questionários para os educadores e gestores, e questionários e entrevistas para os educando. Busca-se-à contribuir com este trabalho para a orientação de quem faça sua leitura, em prol de uma sociedade de leitores efetivamente ativos.

Palavras chave: literatura infantil, leitura, escola, educadores, educando.

INTRODUÇÃO

Este trabalho monográfico é uma exigência do curso de formação de professores/as, Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande. Nele tecemos reflexões sobre o papel da literatura no cotidiano escolar, essa temática vem sendo muito abordada no campo da Educação, já que a escola vem tentando fazer uma opção por considerar a literatura um instrumento de formação de leitores. Instituições públicas e privadas têm investido muito na utilização de textos literários até mesmo clássicos na literatura, tendo como objetivo tornar o Brasil um País de leitores.

Apesar de ser uma excelente proposta, ainda existem grandes dificuldades para se chegar a isso. Sabemos que formar leitores é algo que requer condições favoráveis, não só em relação ao uso que dele se faz nas práticas de leituras. Com isso os educadores encontram dificuldades em trabalhar com a literatura infantil.

Diante desta realidade considero a literatura infantil um tema importante, pois a mesma faz uma ligação entre ficção e realidade, possibilitando a criação de um espaço de reflexão sobre o mundo em que a criança vive.

A pesquisa que resulta nesta monografia foi desenvolvida na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Manoel Gonçalves da Silva, localizada no sítio Barra do Catolé, zona rural da cidade de Cajazeiras - PB, no período de setembro a outubro de dois mil e oito.

Neste sentido, este trabalho objetivou-se, identificar e analisar a literatura infantil e suas contribuições para a formação de leitores; as dificuldades que os professores encontram em trabalhar com a mesma; o significado que os alunos têm sobre a literatura infantil e a metodologia de leitura em sala de aula.

A importância deste estudo se deve ao fato de que as reflexões apresentadas possibilitam uma maior compreensão a cerca da prática docente no trabalho com a literatura infantil, oportunizando aos professores e aqueles que tiveram acesso a esse trabalho de conhecer mais sobre a temática.

O presente trabalho tenta fazer uma reflexão, onde os professores das series iniciais, principalmente os da 2ª serie, normalmente deparam-se com situações constantes, em que o educando tem enormes dificuldades de aprender a ler e nem sempre o professor sabe lidar de forma a solucionar com tranquilidade e segurança. Dentre essas situações ressalta-se a não aquisição mais rudimentar da leitura, provocando a repetência e a evasão escolar.

Sabemos que a literatura infantil influi em todos os aspectos da educação do aluno, ela desperta a sensibilidades e o amor à leitura, desenvolve o automatismo da leitura rápida e compreensão do texto, desenvolve a aprendizagem de termos e conceitos, aprendizagem intelectual, e tem a finalidade de educar, instruir e distrair.

Pensando nessa finalidade o nosso estudo tenta mostrar a importância da literatura infantil para o desenvolvimento da leitura dos educando, estimulando a imaginação, abrindo novos horizontes, transmitindo valores culturais, etc.

Sabemos que o processo de alfabetização não se encerra nas primeiras series e o ato de ler prolonga-se pela a vida inteira do ser humano, essa leitura aliada à aprendizagem da criança fundamenta-se na construção do conhecimento e se trabalha através de atividades como as histórias dos livros de literatura infantil desperta o prazer pela leitura. Pois como sabemos os livros em geral desestimulam as crianças, e se através de agradáveis leituras conquistarmos os educandos, eles consolidarão o hábito pela leitura desde as séries iniciais.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, a metodologia foi uma pesquisa bibliográfica¹ e pesquisa ação². O instrumento de coleta de dados foi o questionário e entrevista. O questionário foi aplicado com quatro professores e dois gestores, com perguntas claras e objetivas para o diagnóstico e entendimento dos mesmos.

¹ Pesquisa bibliográfica - é realizada a partir de um levantamento de material com dados já analisados, e publicados por meio escrito e eletrônico, como livros, artigos científicos, páginas da Web, sites sobre o tema que desejamos conhecer. (Matos, 2002, p. 40)

² Pesquisa ação... além da participação do pesquisador, pressupõe uma ação planejada que deverá realizar-se no decorrer da sua realização. (Matos, 2002.p.40)

Com relação aos professores, foram feitos os seguintes questionamentos: o que é literatura infantil; qual a importância da literatura infantil para a formação de leitores; quais as dificuldades encontradas em si trabalhar com a mesma; e como se dá esse processo de ensino em sala de aula.

Para os gestores foram realizadas questões visando entender e diagnosticar as contribuições da escola quanto ao trabalho com literatura infantil e se a mesma dispõe de algum projeto voltado à literatura infantil.

Com relação aos educando foram realizadas entrevistas tentando diagnosticar o gosto dos mesmos pela temática em estudo. A intervenção aconteceu através da prática estagiária com uma turma da 2ª série com atividades que enfocam essa temática.

Este trabalho organiza-se em quatro capítulos, da seguinte forma: no primeiro foi abordada a história da literatura infantil, com subtítulos que relatam o surgimento da literatura infantil no Brasil. O segundo aborda a escola e o trabalho pedagógico com a leitura: situando o estudo através da literatura infantil, subdividido em: a literatura infantil através das narrativas e através do teatro para as crianças. O terceiro capítulo relata as análises dos questionários e a experiência do estágio.

CAPÍTULO I

1. A HISTÓRIA DA LITERATURA INFANTIL

*“Que venha, sim, o livro da bela fantasia, simples e clara.”
Herminio Almendros.*

Sabemos que no período da antiguidade, os seres humanos, expressavam os fatos, acontecimentos e experiências por meio do poder da “palavra”, ocorrendo assim a transferência e o entendimento do conhecimento de geração em geração.

Durante as primeiras civilizações já existiam a contação de história, eles utilizavam da mesma como forma de distração e ocupação, nesse período não havia uma língua escrita, sendo que a oralidade era a sua principal forma de comunicação. Com esse tipo de comunicação foram surgindo os contadores de histórias, conhecidos como menestréis, aedos, jograis e trovadores que levavam aos palácios, cortes, reuniões e vias públicas, os romances, as fábulas e contos sempre em versos e prosa.

É sabido que, durante esse período essas obras literárias recitadas por esses contadores de histórias possuíam intenção de transmitir determinados valores e padrões de comportamento, que deveriam ser respeitados e incorporados pelos indivíduos, não havendo assim um gênero literário totalmente direcionado a infância, as crianças. Como podemos observar nas palavras de Carvalho (1980, p.17), quando relata que:

A tradição oral, primitiva, não distingue a criança do adulto. A criança era um <<adulto em miniatura>> que apenas se preparava para futuras experiências. À distância certamente, estava entre o contador (que deveria ser o adulto, baseado na experiência) e o ouvinte, onde se encontra a criança.

No entanto a literatura para crianças começa com Perrault, o clássico infantil, no século XVII e Fénelon, em caráter didático. Embora ainda não possamos caracterizar a literatura do século XVII como uma literatura tecnicamente infantil. Procuramos fixar aí o seu início, considerando a impossibilidade, principalmente do ponto de vista psicológico e pedagógico, de encontrar-se naquele século uma literatura especializada.

No entanto, ninguém ignora que daí parte a intenção de escrever para menores, razão porque a denominamos intencionalmente infantil (CARVALHO, 1980).

Na realidade, Perrault não criou suas belas histórias infantis, que encantaram as crianças, antes mesmo de que eles saibam ler. O seu trabalho foi colhê-las e adaptá-las, nas quais as tornou mais vivas e maravilhosas, superando as fontes originais e desenvolvendo-as ao mundo inteiro. Ele recolhe o folclore, tradição e transforma-a em uma verdadeira obra de arte, com umas linguagens simples, claras, correta e suave.

Perrault prima pelas metamorfoses pelo movimento. Sua linguagem é pura e simples, ao lado da correção de um belo estilo, cheias de sutis ensinamentos, as histórias dele são de um alto cunho moralista. Os ensinamentos morais estão incorporados e integrados em toda sua obra, identificados com as personagens, numa unidade de ação inseparável. O mesmo relata em muitos de seus contos infantis, através de uma sociedade de animais e ficções, a sociedade de seu tempo, a época, sendo o realismo de sua obra uma de suas características.

A escola é a segunda instituição convocada a colaborar para a solidificação política e ideológica da burguesia, que se converte na atividade compulsória das crianças e a frequência às salas de aulas seu destino natural. Assim, devido a essa obrigatoriedade a escola passa a ser imprescindível na vida social, passando a ser essencial para as crianças de todas as classes sociais.

A história da literatura começou a delinear-se no início do século XVIII, quando a criança passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, pelo que deveria distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial que a preparasse para a vida adulta. Tirando uma grande quantidade de criança, as quais realizavam trabalhos bruscos, destinados a adultos, dessa forma foram retiradas do mercado de trabalho, deixando assim de contribuir com seus pais e familiares, os quais buscavam melhores condições de vida e até mesmo a sobrevivência.

Durante essa fase a criança passa a ser observada como ser infantil que precisa de cuidados especiais em seu amadurecimento, ou seja, em sua transição da infância

para a fase adulta. Mas observa-se que a sociedade esta dividida em dois grupos de crianças, com acesso a uma literatura muito diferente. A criança da nobreza, orientada por preceptores, lia geralmente os grandes clássicos, enquanto a criança das classes desprivilegiadas lia ou ouvia as histórias de cavalaria, de aventuras. As lendas e contos folclóricos formavam uma literatura de cordel de grande interesse das classes populares. (CUNHA, 2004)

Um ponto a ser destacado é quanto aos livros que tinham por finalidade transmitir a ciência e as regras de conduta. O livro nessa época era considerado de forma instrutiva e moralista, existindo uma preocupação com o didático que transformava o livro em um verdadeiro manual de ciências. O século XVIII foi marcado pela busca de conhecimentos, onde a literatura infantil ainda direcionava esses conhecimentos as informações científicas, não dando prioridade aos interesses da criança e sim aos planos que os adultos desejavam colocar em prática na educação. (CARVALHO, 1982)

Dessa forma era observada uma literatura, racionalista, pragmática, comprometida com a pedagogia e à ética. Este acabava que colocando em segundo plano, a recreação, o prazer e o lazer. Tornando a educação bancária, onde a criança é tida como um depósito de conhecimentos.

Com o intuito de reverter essa situação a revolução científica é de extrema importância social, em que realiza através de sua atuação no processo industrial a mudança de estrutura da sociedade com o advento da burguesia, em que assumem novas diretrizes e dar novos rumos à educação.

Dessa forma o século XVIII, tornou-se sem dúvida um dos períodos de grandes revoluções. Vale ressaltar, que a revolução científica e a revolução industrial se comprometiam tanto com os valores racionalistas, que no âmbito de sua literatura não se harmonizava com a fantasia.

Após essas conquistas, os grandes historiadores da literatura infantil deram início ao a construção de livros os quais podemos destacar serem extraordinários, pois se a arte de escrever em si já é complexa, torna-se mais complicada quando para crianças. Ao

contrário do que pode parecer, escrever para crianças é bem mais complicado e delicado. As crianças são muito exigentes, é preciso ser ou torna-se criança, para escrever e agradar a estas criaturinhas.

A imaginação, a extratemporalidade, as metamorfoses, o maravilhoso, a intenção recreativa por excelência e, sobretudo, a dramaticidade são caracteres literários que mais agradam as crianças. Estamos nos referindo ao drama no sentido da emotividade, do sentimento, das peripécias, dos movimentos interiores que ele traduz criança, fazendo-a viver a obra infantil.

Os irmãos Grimm, Luis Jacobe Guilherme e Carlos Grimm começaram a coletar contos populares na Alemanha e tornaram-se célebres em todo mundo. Os mesmos pesquisavam fontes folclóricas e tradições populares, reconhecido e inspirado pelo romantismo da sua terra e de seu povo. Dessa forma, os irmãos Grimm:

[...] realizaram um velho sonho de aventura de viagens, pondo-se juntos, a correr terras, a pé, passando por aldeias e campos, parando e pousando nas casas dos camponeses e lenhadores, ouvindo e colecionando histórias e lendas de todas essas regiões. É com esse material vivo, colhido diretamente do povo que eles escrevem os maravilhosos contos que os tornaram célebres em todo o mundo. (CARVALHO, 1982, p.105).

Além dos irmãos Grimm, muitos outros nomes se dedicaram à literatura infantil e juvenil, em todo o mundo durante o século XIX até os dias atuais. Entre eles: Hans Christian Andersen, que endereça os contos as crianças e aos jovens adolescentes revelando uma imensa sensibilidade artística e sentimentos para com todas as crianças. Este historiador em muitas de suas narrativas retrata a sua própria infância, apresentando histórias tristes e bonitas.

Podemos observar nas palavras de Carvalho (1982), ao retratar que as histórias de Andersen são autobiográficas, contando um pouco de sua vida. O patinho feio é uma de suas obras, que retrata muito bem isso, no qual retrata que estava desprezado em seu meio e algumas vezes por sua mãe, que não chegou a entendê-lo inteiramente. O mesmo teve que fugir de sua casa para longe, para que só assim seus valores fossem reconhecidos. Dessa forma Anderson criou a sua

própria história em forma de livro infantil, sendo substituído assim por um pato, o qual era diferente dos demais.

Um outro autor que se destacou com a literatura infantil da sociedade burguesa e capitalista foi Lewis Carrol, conhecido como “o Pastor Dogson”, destacando-se com a sua obra, Alice no País das Maravilhas, escrito para sua aluna de matemática Alice Liddel.

1.1 O surgimento da literatura infantil no Brasil

No entanto o âmbito da leitura no Brasil, na época colonial, era tido por um sistema dominante o qual mantinha o povo alienado de informações e da educação. Com isso o direito as informações e a educação ficavam restritos a elite cultural e econômica a qual acabavam enviando seus filhos para estudar na Europa.

Daí pode-se ressaltar que, a literatura escrita até o século XIX se caracterizava mais por um discurso moralista e erudito, do que como uma linguagem, cuja formação obtivesse o estilo brasileiro. Dessa forma, a marca de instrução no discurso de uma linguagem culta, afastava-se e discriminava o público comum.

No entanto, vale destacar que neste século a escola praticamente não existia ainda em nosso país, e nem tão pouco havia uma formação de educadores, livros e textos. Assim, somente com a Chegada de Dom João VI e sua família real, que se iniciou a abrir novas oportunidades em termos educacionais e culturais, pois, começam a surgir os primeiros colégios no país dando uma dimensão ao ensino.

Já em 1808, com o surgimento e a ampliação da Imprensa Régia, inicia-se a atividade editorial com publicações de livros endereçados as crianças. Tais publicações, além de serem casuais e raras eram insuficientes para caracterizarem uma boa produção literária brasileira infantil de qualidade. Nesse intuito, a primeira fase literária infantil, era representada pelo jornalismo e por traduções. Este período era considerado uma fase preparatória de amadurecimento.

Talvez pela delicadeza do assunto e não havendo então preocupação dirigida realmente à educação e à cultura infanto-juvenil, em nossa terra, a literatura infantil, no Brasil, só começou a esboçar-se nos fins do século passado, quando a preocupação educacional se tornou uma realidade.

A literatura infantil só firmou-se nos arredores da proclamação da República, quando o país passava por muitas transformações durante a mudança de governo para a república que chegava e legitimava uma imagem de um país modernizado. Tal período manifestou-se uma imensa diversidade de bens culturais, também começa as campanhas pela alfabetização e pela escola, que lutavam em busca de uma literatura infantil nacional.

Até então, a teoria ainda era meio da aprendizagem. Só nos fins do século XIX e começo do século XX o ensino toma um rumo prático e menos tedioso, com nomes que podem se apresentar como reformadores.

Finalmente, começou a refletir sobre as leituras para crianças, adaptando os maravilhosos contos, a literatura de ficção recreativa que começou a ser adaptado ao gosto infantil, para distrair e instruir. E daí até nossos dias as crianças tem constituído preocupação constante de psicólogos, pedagogos e mestres. Sobre o surgimento da literatura infantil, com ascensão da burguesia comenta Zilberman Apud Cunha (2004).

Antes da constituição deste modelo burguês, inexistia uma consideração especial para com a infância. Essa faixa etária não era percebida como um tempo diferente, nem o mundo da criança como um espaço separado. Pequenos e grandes compartilhavam dos mesmos eventos, porém nenhum laço amoroso especial os aproximava. A nova valorização da infância gerou maior união familiar, mais igualmente os meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança e manipulação de suas emoções. Literatura infantil e escola, inventada a primeira e reformada a segunda, são convocadas para cumprir esta missão. (ZILBERMAN Apud CUNHA 2004, p.23).

Fica evidente a estreita ligação da literatura infantil com a pedagogia, quando vemos, em toda a Europa, a importância que assumem os grandes educadores da época, na

criação de uma literatura para crianças e jovens. Suas intenções eram fundamentalmente formativas e informativas, até enciclopédicas.

Como não poderia deixar de ser, a literatura infantil no Brasil, tem início com obras pedagógicas e, sobretudo adaptadas de produções portuguesas, demonstrando a dependência típica das colônias (CUNHA, 2004).

É com Monteiro Lobato que tem início a verdadeira literatura infantil brasileira. Evidentemente, a literatura infantil estava criada e amplamente cultivada, porém não difundida. Faltava difusão, penetração e popularidade. Destacando assim com suas produções infantis que foi sucesso imediato entre os pequenos leitores. Tornando-se um dos pioneiros a pensar na literatura infantil enquanto algo que deveria ser estimulado à criança, de modo que ela adquira o hábito e o prazer pela leitura.

Monteiro Lobato acaba se destacando com o seu crescimento e enriquecimento do fabuloso mundo com suas personagens, o maravilhoso passa ser o elemento integrante do real, pois, Monteiro Lobato mostra no mundo cotidiano a possibilidade de acontecerem aventuras maravilhosas, que em geral, só eram possíveis nos contos de fadas ou no mundo da fábula e vividos por seres extraordinários. Dessa forma fazia e faz com que as crianças e até mesmo os adultos viajem durante a leitura de seus contos, se integrando junto aos personagens.

Como nos mostra Carvalho (1982, p.33), Lobato não utilizava de outros contos para a produção dos mesmos, ele os criava a partir da necessidade que ele acreditava ter as crianças, como podemos ver nas palavras a baixo:

Ao contrário dos clássicos estrangeiros, ele não recriou seus contos de outros, eles os criou. Embora se utilizasse do rico acervo maravilhoso da literatura clássica infantil de todo o mundo, a inspiração maior e básica de Lobato foi à própria criança, os motivos e os ingredientes de sua vivência: suas fantasias, suas aventuras, seus objetos de jogos e brinquedos, suas travessuras e tudo que povoa a sua imaginação [...].(CARVALHO 1982, p.33)

Dessa forma é que personagens "reais" (Lúcia, Pedrinho, D. Benta, Tia Nastácia etc.) têm o mesmo valor das personagens "inventadas" (Emília, Visconde) e todas as personagens que povoam o universo literário "lobatiano". Fazendo com que as crianças leiam textos e contos de acordo com o seu cotidiano, o seu convívio social e prático, não mais se restringindo à obrigação pedagógica dos livros didáticos.

E por consequência, no Brasil ocorreu o "*Boom*" da literatura infantil, em que se manifestava a venda impressionante de livros, onde o mercado editorial voltado para o público infanto-juvenil começou a se concretizar. Assim, apesar do crescente interesse da população que incentivasse a interpretação literária dos textos dos livros, a família, a escola e os meios de comunicação tornam-se responsáveis por esse processo. (CARVALHO, 1982)

Nessa perspectiva, houve inúmeros debates em torno da leitura destinada às crianças, a literatura infantil começou a ser pensada como formadores das mentes infantis e juvenis, contribuindo para o desenvolvimento de suas potencialidades naturais, quanto ao seu amadurecimento na transição da infância para a fase adulta.

CAPÍTULO II

2. A ESCOLA E O TRABALHO PEDAGÓGICO COM LEITURA: SITUANDO O ESTUDO ATRAVÉS DA LITERATURA INFANTIL

“É preciso fazer compreender a criança que a leitura é o mais movimentado, o mais variado, o mais engraçado dos mundos”.

Aliceu Amoroso Lima.

Sabemos que o processo de leitura das crianças de escolas pública, em sua maioria dar-se no ambientes escolares, evoluindo com o processo de alfabetização. Sendo assim podemos observar que essa criança não tem em suas famílias a força incentivadora à leitura. Isso ocorre devido ao fato de seus pais em sua grande maioria, não terem uma base educativa sólida, tendo pouca escolarização ou sendo analfabetos. Muitos pais trabalham em atividades braçais e acabam não tendo tempo disponível para os filhos, exercendo assim pouca ou nenhuma influência sobre as suas leituras.

Na realidade o ato de ler envolve o ser em todos os sentidos; de forma individual e integrada, na convivência com outras pessoas e com o mundo. Nesse sentido a chegada da criança a escola, é perpassada por experiências vivenciadas, no que se refere à leitura de mundo, nessa perspectiva nos juntamos a Freire (1987, p.22), quando nos diz que: “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, adquirindo-a na interação com crianças e adultos. O que lhe falta, no entanto, sistematizar esse aprendizado para a decodificação e interpretação dos signos. Para isso nos fundamentamos na citação de Cademartori (1986, p.18 à19) quando relata que:

A literatura por sua vez, propicia uma reorganização das percepções do mundo e, desse modo, possibilita uma nova ordenação das experiências da criança. A convivência com textos literários provoca a formação de novos padrões e o desenvolvimento do senso crítico. (CADEMARTORI, 1986, p.18 à19)

Com isso observamos a carga de responsabilidade e importância que a escola e acima de tudo o professor acaba recebendo dos pais e familiares. Sendo considerado o espaço privilegiado, em que deverão ser lançadas as bases para formação do indivíduo. Mas

esse espaço deve ser aproveitado de forma construtiva, como tomamos por base Coelho (1981) que relata:

[...] valorização do espaço-escola não quer dizer, porém, que entendemos como o sistema rígido, reprodutor, disciplinador e imobilista que caracterizou a escola tradicional em sua fase de deteriorização. Longe disso. Hoje esse espaço deve ser, ao mesmo tempo, literário (sem ser anárquico) e orientador (sem ser dogmático), para permitir o ser em formação chegar ao seu auto-conhecimento e ter acesso ao mundo da cultura que caracteriza a sociedade a que ele pertence. (COELHO 1981, p.17)

Mas ainda hoje observamos que a escola ainda não incentiva a leitura de modo afetivo, enquanto prazer de se envolver em uma história única, seja ela construída sobre fatos históricos ou nascida de uma mente perspicaz e imaginativa. Na verdade o exercício da leitura dar-se por meio da imposição ao discente e este passa a encarar a leitura como uma obrigação: ler para a nota, para passar de ano. Ocorrendo assim repetência, evasão escolar e uma negatividade quando à leitura.

Dessa forma o nosso objetivo é utilizar a literatura infantil como uma forma de incentivo. Esses livros, com sua linguagem inconsciente exercem sobre as crianças uma sedução, fazendo com que os pequeninos, descubram a leitura desde as séries iniciais, de uma forma divertida e ao mesmo tempo educativa.

De certo modo nós sabemos o que é literatura infantil. Isso é porque as maiorias de nós têm algo a ver com crianças, seja filho, vizinho, sobrinho, irmão ou aluno, e todos nós fomos crianças. Sabemos o quanto a literatura me capaz de criar tensões em os mesmos adultos e suscitar intuições acerca da vida humana, mergulhando-nos em um profundo pensar, construindo assim de forma crítica o nosso ponto de vista. Como mostra Cademartori (1986, p.22-23):

A obra literária recorta o real, sistematizando-o através do ponto de vista do narrador, ou do poeta. Sendo assim, manifesta, através do fictício e da fantasia, um saber sobre o mundo e oferece ao leitor um padrão para interpretá-lo. (CADEMARTORI, 1986, p.22-23)

Com isso, acreditamos que se esses livros forem trabalhados com as crianças desde as séries iniciais, as mesmas construíam o seu hábito de leitura e o seu gosto pelos estudos, melhorando cada vez mais o seu processo de alfabetização e letramento.

Mas ao falarmos sobre literatura infantil, hoje, remete a uma vinculação com o trabalho realizado com ela na escola. A partir do momento em que a relação da literatura infantil e a escola se formalizam, começam então a se delinear alguns questionamentos, como as dificuldades encontradas na obtenção de livros, a necessidade de um bibliotecário nas escolas, o problema quanto a qualificação e a formação de professores e ate mesmo as dificuldades em se trabalhar com livros de literatura infantil.

Esses problemas afligem principalmente as escolas publicas, onde muitos casos os professores não são qualificados, acabam deixando de lado os livros de literatura infantil, ou utilizam apenas como forma de passatempo em momentos os quais não estão dispostos a trabalhar ou em dias que não tiveram condições de planejar aulas.

O professor precisa conhecer e introduzir o período preparatório à aprendizagem da leitura, reconhecendo que as crianças participam de atividades de leitura, reconhecendo que as crianças participam das atividades de leitura desde seus primeiros anos de vida. O professor precisa considerar os fatores e estágios cognitivos, porque ele pode alertar de maneira segura contra praticas pedagógicas que inibem o desenvolvimento de estratégias adequadas para compreender o texto.

Para que isso aconteça, o professor precisa gostar de ler e o seu trabalho consequentemente deve receber o aval da escola. E esta provoque, nos professores, a formação de uma consciência critica sobre leitura viabilizando uma pratica pedagógica cujo resultado atenda aos objetivos do projeto curricular da escola, forma a envolver todos. A essa compreensão do processe de aquisição de leitura, nos fundamentamos na citação de Solé (1988, p.33):

[...] o problema do ensino da leitura na escola não se situa no nível do método, mas na própria conceitualização do que é leitura, da forma em que é avaliada pelas equipes de professores, do papel que ocupa no projeto curricular da escola, dos meios que adotam para favorecê-la e naturalmente, das propostas metodológicas que adotam para ensiná-la. (SOLE, 1988, p.33)

Contudo, a dificuldade está na própria formação precária da maioria dos profissionais que não são leitores, mais tem que ensinar a ler e gostar de ler. Gerando dessa forma uma lacuna dificil de ser preenchida, daí a importância do gosto pela leitura, para que

esses profissionais saibam utilizar a literatura infantil em momentos e horários adequados. Porque a uma pessoa é impossível deixar de transparecer em suas atitudes, palavras aquilo do qual não pode ser trabalhada por quem não tem experiência, não a conheça, como diz Coelho (1981, p.19):

[...] literatura é arte da linguagem, e qualquer arte exige uma iniciação. É como um jogo: não pode ser jogado por quem não lhe conheça regras ou não as combine com os parceiros. Embora, como arte que é a literatura não comporte regras fixas e imutáveis, há alguns conhecimentos que são indispensáveis à sua compreensão inicial. (COELHO, 1981, p.19)

Tal afirmação traduz que os professores devem estar devidamente instrumentalizados. Dessa forma, ao conquistar o alto dê para si mesmo, dentro de condições próprias, eles estarão aumentando seu repertório de conhecimentos, podendo assim reverter o desenvolvimento do trabalho pedagógico.

O prazer pela leitura pode ser o trabalho em sala de aula, daí é fácil compreender o papel que a literatura infantil pode desempenhar para os seres em formação. E ela dentre as diferentes manifestações de artes, a que atua de maneira mais profunda e duradoura, no sentido de dar, formar e divulgar os valores culturais que dinamizam uma sociedade. Como nos afirma Coelho (1981 p.3-4):

[...] é ainda o livro, a palavra escrita, que atribuímos a maior responsabilidade na formação da ciência no mundo das crianças e jovens. Apesar de todos os prognósticos pessimistas, e até apocalíptico, acerca do futuro do livro (ao melhor da literatura), nesta nossa era a imagem e da comunicação instantânea, a verdade é que a palavra literária escrita está mais viva do que nunca. E parece já fora de qualquer dúvida que nenhuma outra forma de ler o mundo dos homens é tão eficaz e rica quanto a que ela permite. (COELHO, 1981 p.3-4)

Necessário se faz, que além do conhecimento que o professor tenha de sua turma, que ele trabalhe o interesse dos educandos para o ato de ler, tornando este ato eficaz, gratificante e prazeroso onde a sala de aula torna-se um espaço de formação de leitores, gerando o hábito de ler. Pois quando a leitura é uma necessidade, um gosto apreciado no ambiente em que vive a criança desenvolverá o quanto puder a capacidade de ler.

E para que ele se efetive, devera preencher uma lacuna na vida do leitor, atender uma necessidade, um desejo, uma vontade de conhecer mais, o interesse em realizá-la.

A função do educando não é apenas ensinar a ler, mas de criar condições para que a criança realize sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses e necessidade considerando a leitura como um intermediário que acompanha a vida as pessoas além dos muros escolares.

Compreendendo que o processo ensino-aprendizagem de leitura acompanha o desenvolvimento sócio-cognitivo, que nos evolui diferente níveis no indivíduo, par torna-se um leitor de qualidade cedo ou tarde. É preciso o profissional ter conhecimento e trabalhar o interesse do educando para o ato de ler.

Apesar de muitos problemas, quando à leitura e os trabalhos com literatura infantil, podemos observar de forma clara e objetiva nos livros, por exemplo, Patos e Sapos, Macacos e Molas, Botas e Bodes a intenção de se trabalhar de forma lúdica as nossas conhecidas famílias silábicas. Em alguns casos para a oralização, compreensão e estudos vocabulários. Com a leitura e a contação dessas historias os pequeninos podem desenvolver as suas comunicações orais, esperteza estimulando a formação da consciência critica, que, dificilmente, o leitor pode atingir se não conviver com pontos de vista distintos daqueles que são próprios a sua condição social. Para que isso aconteça de forma sucinta, cabe aos professores buscar nos livros de literatura infantil, pois como diz Cassassanta (1974, p.19):

[...] os bons professores reconhecem o valor da literatura na formação da criança e recorrem às atividades atraentes e variadas, como cartazes estimulantes, conversas, clube de leitura, dramatização, ficha de apreciação, leituras de historias, leituras dramatizadas, exposições de livros, concursos, etc. (Cassassanta, 1974, p.19)

Essas histórias têm um papel muito importante na vida das crianças, a moral das historias acaba mudando o comportamento das crianças tornando-as mais disciplinados. Como nos mostra Cadermartori (1986, p.27): “tal história tem tanto a ver com criança quanto um sermão de igreja ou qualquer exemplar contada pelos mais velhos e tendendo, exclusivamente, aos interesses destes”.

Cabe a escola o trabalho pedagógico com a literatura infantil, reconhecendo o importante papel da mesma no desenvolvimento da personalidade em formação da

criança. Lançarem mão das experiências literárias para desenvolver uma série de valores que podem contribuir para evolução dos vários aspectos de crescimento, como:

- Valores recreativos, onde a literatura é diversão, entretenimento;
- Valores estéticos, onde a literatura oferece oportunidade para a apreciação da beleza de um poema, de uma imagem, etc.;
- Valores espirituais, onde a mesma exerce influencia no desenvolvimento em um senso de valores. Auxilia a criança a crescer emocional, espiritual e intelectualmente, a formar atitudes positivas com relação à sociedade.
- Valores psicológicos, em que a mesma leva a criança a uma melhor compreensão de si mesma e do mundo que o cerca, através da observação de personagens envolvidos em situações problemáticas.

A literatura desenvolve ainda senso de humor, tão essencial à infância. Então, a função primordial do estudo da literatura infantil é conseguir despertar na criança o prazer de leitura, é iniciá-los na cultura, de modo atraente, para dar-lhes a devida formação.

2.1 A literatura infantil através das narrativas

Durante o período da infância as crianças é um ser livre para pensar e agir diante das belezas das coisas, sua imaginação é livre de preconceitos, das coisas negativas e até mesmo de algum tipo de limitação como ocorre com os adultos. As crianças são seres capazes de imaginar, criar e viver o momento diante das histórias. Essa fase é marcada como um momento de diversões, muita alegria, cor, som, um momento de descobertas e recriações.

Durante essa fase, essas belezas e qualidades são adquiridas e aprimoradas através das histórias ouvidas pelos pais, tios, avós, professores, etc. Esse processo de contação de histórias ajuda as crianças a desenvolverem-se no seu processo de formação, fazendo com que a criança inicie desde os primeiros meses o seu processo de aprendizagem, fazendo com que iniciem o seu hábito pela leitura, compreendendo o mundo e suas descobertas.

A narrativa para crianças não dispensa o dramatismo, a movimentação. Com o seu agitado desenvolvimento, a criança irá interessar-se naturalmente pelos livros onde a todo o momento apareçam fatos novos e interessantes, cheios de peripécias e situações imprevistas, movimentando-se assim o espírito infantil.

Pensamos, contudo, que não só o movimento físico, a ação das personagens, cria o dinamismo da história: imaginamos que uma boa técnica narrativa cria a movimentação, a preocupação máxima de um narrador para crianças.

Como nos mostra Cunha (2005) O autor terá mais sucesso entre as crianças se evitar descrições e digressões longas, ainda que muito pitorescas, mas que não tenham nada com o fim de ação da história. Em geral, interrompe o caso, e o resultado não será o desejado pelo autor. Como costuma dizer Monteiro Lobato, “As narrativas precisam correr a galope, sem nenhum efeito literário”.

Dessa forma as narrativas tornam-se agradáveis para as crianças. No que diz respeito às falas e aos pensamentos das personagens, a melhor apresentação pode ser feita através do discurso direto. O diálogo, predominante no conto em geral, torna-se mais necessário ainda para crianças, ele atualiza a cena, envolvendo cada vez mais o ouvinte, ou até mesmo no discurso indireto fascinando mesmo assim o leitor, ficando a cargo do narrador, conseguir essas expectativas. Se essa linguagem oral ou escrita obtém características adequadas ao leitor mirim, esse diálogo pode dar um grande realismo à cena.

Muitos autores, conhecendo o valor do diálogo, usam até mesmo o apelo através de perguntas, com supostas respostas, fazendo com que as crianças reflitam sobre esses questionamentos.

O contador de histórias precisar ser uma pessoa hábil, versátil e sensível a beleza das histórias, para que possam transmiti-las de uma forma adequada, precisa se envolver no seu conteúdo, vivendo e fazendo com que os vivam aquele momento da história, do conto. Fazendo com que as crianças sintam-se encantadas durante a escuta da mesma. Um outro ponto a ser observado quanto aos narradores das histórias é quanto ao conhecimento e estudo das histórias em suas várias versões

escolhendo a melhor e adaptando-lhe ao seu público, excluindo cenas muito fortes que possam impressionar a mente infantil.

Um fator importante para a compreensão da história é o vocabulário, devendo este ser explicado antes da narrativa, para que esta não seja interrompida durante a sua execução. Outro aspecto que deve ser considerado é a idade dos ouvintes que as histórias se destinam, pois estas devem ser selecionadas para que atendam a evolução do interesse infantil, suprimindo suas necessidades. Dessa forma, podemos citar alguns tipos de leituras, que possam ajudar o narrador a selecioná-los de acordo com os seus ouvintes. Dentre eles se destacam as histórias reais, de animais, fantásticas ou maravilhosas. Como nos mostra (CARVALHO, 1982), quando relata algumas dicas de como deveriam ser trabalhadas as histórias, de acordo com o nível de cada ouvinte ou leitor.

As histórias reais a serem apresentadas as crianças deverão versar sobre coisas atingidas pelos sentidos infantis. Essas são denominadas histórias de primeiro tipo, sensoriais e objetivas, retratam coisas da vida das crianças, traduzindo desejos infantis. Já as de segundo ciclo, são mais trabalhadas envolvendo mais a imaginação. São próprias para criança maiores.

Já nas histórias de animais, as crianças agem e vivem como pessoas humanas. Essas reviverão suas experiências através dos personagens.

Nas histórias fantásticas ou maravilhosas essas acabam levando as crianças a evoluírem fisicamente, intelectualmente, e emocionalmente, pois, sentem necessidade de dilatar o seu ambiente e conquistar horizontes desconhecidos. Essa é a hora do maravilhoso, do fantástico, da surpresa, das emoções e da luta eterna entre o bem e o mal.

Entretanto, as histórias em geral são narrativas que se baseiam num tipo de discurso calcado no imaginário de uma cultura e ao serem lidas ou contadas por um adulto para uma criança, abrem uma oportunidade para que estes mitos, tão importantes para a construção de sua identidade social e cultural, possam ser apresentados a ela.

Vale salientar, que a literatura infantil possui uma variedade de formas narrativas pertencentes, que desde os tempos antigos, até os dias de hoje fazem sucesso com o público “mirim”.

Nessa perspectiva, para se contar histórias é preciso saber criar um ambiente de encantamento, suspenses, surpresas e emoções em que o enredo e as personagens ganhem vida. Estas são fontes maravilhosas de experiências preciosas, para ampliar o horizonte e aumentar o seu conhecimento em relação ao mundo que as cercam.

Assim, para se contar bem uma história é preciso possuir habilidade, treino e conhecimento técnico do trabalho, pois os valores artísticos, lingüísticos e educativos dependem da arte do narrador.

Com isso os livros de literatura cada vez mais, não são narrados por pais, familiares e ate mesmo professores, essa modalidade de comunicação se encontra atualmente em declínio, sendo substituída em grande escala pela comunicação midiática. Muitas pessoas abusam dos meios de comunicação, utilizando-os sempre, como uma forma de entreter as crianças, de as manterem quietas, mas isso pode prejudicar o desenvolvimento dos pequeninos.

Esse tipo de comunicação midiática, principalmente, pela televisão através dos desenhos animados, reproduções em DVDs, entre outros, que se alimenta aos que com ele trava o contato de informações pronta e acabadas, de modo veloz e fulgás, parece trazer para as crianças prejuízo a sua capacidade de imaginação e criação, haja vista que esse tipo de comunicação trabalha no sentido de atenuar as possibilidades de produção de sentido para as situações vivenciadas ou assistidas, ou seja, a representação do mundo chega pronta às crianças.

As crianças acabam se acostumando com o conhecimento pronto e acabado, sem que tenham que pensar ou indagar sobre determinados fatos.

Assim, a capacidade de criação parece ir sendo substituída pela capacidade de reter informação e petrificá-la, retificá-la. Nesse caso, quem assiste a uma história sente muita dificuldade para acrescentar um ponto, diferentemente do que acontece num ato narrativo, que pode ser pensado, pode ser indagado.

Aparecendo desse modo, a dificuldade mesmo de pensar e que parece se alastrar por entre as gerações da era televisiva, pois pensar é refletir e refletir é recriar, criar, e criar é pensar para além do que se ouve ver, assiste, afinal, uma história puxa a outra. Ou seja, quem ouve ou lê uma história pode contá-la e recontá-la de outra maneira, acrescentando a esta algo de si a partir do seu modo de representar, se situar e intervir no mundo.

Os livros de literatura infantil, quando são utilizados através das narrativas, podem possibilitar nas crianças o prazer de ler, para que assim possam recontá-las.

2.2 A literatura infantil através do teatro para crianças

O teatro tem sido desde as culturas mais antigas, uma fonte de cultura e educação, tanto para quem interpreta como para os que o frequentam. Apesar disso, os educadores e a escola não tem incentivado nem o teatro feito pelos adultos, muito menos o feito pelos alunos, como atividade da escola.

Essa situação, ao contrário do que muitos pensam, não é exclusivamente brasileira, como nos mostra Cunha (2004) ao relatar a França sobre o mesmo processo de desinteresse pelo teatro. Temos duas modalidades de teatro para ser analisada e estudada, uma é a que os adultos fazem para as crianças e adolescentes e a que essas crianças representam.

Ao falar do teatro infantil, é importante destacar que este tem sua origem desde os tempos antigos, quanto o próprio homem. Os primeiros vestígios do teatro iniciaram-se com as cerimônias religiosas e supersticiosas, que eram dedicadas a fatos e narrativas atribuídas e influenciadas as divindades e deuses.

No renascimento é importante destacar que os educadores da Inglaterra, França e Portugal consideravam o teatro como uns dos mais poderosos meios de educação, pois, além do fator imaginativo o teatro também é educativo, sendo uma grande arma para a escola.

Desse modo, a literatura e o teatro propiciam à criança diferentes percepções do mundo e situações, estimulando o pensamento de forma a alimentar o poder da leitura como ferramenta de utopia, elemento primordial para a edificação de uma realidade alicerçada no respeito à vida.

Sabemos que as crianças possuem qualidades bem maiores que as dos adultos, onde as mesmas têm a capacidade de imaginar tudo em sua volta, se destacando assim como um autor infantil. Desenvolvendo desde os seus primeiros anos de vida o gosto pelo teatro, por peças, jogos dramáticos, através da imitação de bichos, se representando perfeitamente como eles.

As seis anos começam a tomar gosto por peças, que podem ser escritas e mais longas. De início, as fábulas e folclores ampliam-se como peças em que entre fatos e personagens exploram os sentimentos morais e sociais.

Esta é uma das fases que necessita de cuidados, exige certo cuidado para não exacerbar a vaidade e o exibicionismo da criança, sendo interessante representar mais freqüentemente o teatro indireto, ou seja, o teatro de bonecos e figuras. Como podemos perceber nas palavras de Cavalcante (2002), ao relatar que o teatro infantil tem que apresentar fisionomia própria, caracteres peculiares perfeitamente definidos, onde qualquer gênero poderá ser representado: comédia, drama, farsa, histórias, pantomimas, desde que sejam guardadas e cuidadosamente observadas as idades e os interesses dos educando, endereçando-se cada peça ao seu nível correspondente. Observando sempre o interesse das crianças quanto a determinados assuntos.

Pois como sabemos é através do teatro que a criança cultiva a literatura, a música, a história, o folclore, a fábula, ao lado do desenho da pintura e dos trabalhos manuais como as confecções de cenários, bonecas e roupas, e se o

mesmo trabalho de forma incorreta, pode acarretar problemas no desenvolvimento da aprendizagem dos educando.

CAPÍTULO III

3. CARACTERIZANDO A ESCOLA E ANALISANDO QUESTIONÁRIOS

3.1 Identificação e Histórico da Escola

A Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Crispim Coelho, localizada na Rua Romualdo Rolim - 186; Bairro: São Francisco, considerado periferia na cidade de Cajazeiras – PB foi o campo de estudo para a realização da pesquisa. Acredito que a localização da escola estabelece de certo modo, diferenciação nas características da clientela por ela atendida, sendo um elemento importante para o foco desse estudo, pois assim teremos uma diversidade de sujeitos a serem pesquisados e analisados, ainda que todos possam ser considerados de camadas populares.

Diante da temática em estudo: A LITERATURA INFANTIL E SUAS POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES; o instrumento adotado para coleta de dados foi questionário e entrevistas na modalidade estruturada.

As entrevistas e os questionários foram realizadas a partir de um roteiro de questões relacionadas ao objeto e aos objetivos de estudo, nas dependências das escolas. As entrevistas foram gravadas em fita K7, com autorização previa do entrevistado. Os dados coletados por meio de entrevistas foram processados na perspectiva qualitativa, a partir de instrumentais de Análise de Conteúdo (BARDIN, 1979), por meio da associação da técnica de Análise de Conteúdo: análise de enunciação.

Quanto à análise de enunciação entende o discurso como um processo. Assim, funciona desviando-se das estruturas formais do discurso e em busca de elementos que indicam conflitos subjacentes ligados às contradições entre os elementos manifestos e os elementos latentes do discurso (ANDRADE, 1999, p. 151). Entre esses elementos, destacam-se as seguintes figuras lingüísticas: recorrência, co-recorrências, disjunção de pessoas, tempo; as figuras paralingüísticas: risos, pausas, silêncio, gaguejamentos, lapsos.

As entrevistas foram utilizadas com os educando, levando em consideração que os mesmos são crianças e em suas respostas quanto ao questionário aplicado contradizia as

resposta umas com as outras, a mesma foi realizada para um melhor entendimento quanto às questões.

Quanto ao questionário, segundo Pádua (1998, p.156),

[...] é o instrumento de pesquisa mais adequado à quantificação, porque é fácil de codificar e trabalhar, proporcionando comparações com outros dados relacionados ao tema pesquisado, como facilitador para as coletas de dados, com fins de obtenção de resultados desejados referente à pesquisa.

De acordo com Silva Filho *in* Fernandes (2003, p.97):

Enquanto na pesquisa quantitativa, o foco da pesquisa são os traços individuais, as relações causais, o 'porquê'; na qualitativa, o foco é a experiência individual de situações, o senso comum, o processo diuturno de construção de significados, o 'como'.

O questionário foi estruturado com 7 questões objetivas para os professores, 5 questões para os gestores, sendo que 2 subjetivas e 3 objetivas. As entrevistas se deram a partir de 7 questões, foram realizadas individualmente com os educando, lembrando que essas questões já tinham sido respondidas na forma de questionário pelos mesmos, não obtendo resultados satisfatórios.

No entanto, reforça Richardson (1942), que os questionários com perguntas subjetivas, apresentam-se categoricamente alternativas de respostas fixas e preestabelecidas, onde o respondente escolhe as opções dadas que mais se ajuste a suas idéias. E as questões objetivas, são caracterizadas por perguntas em que o entrevistado pode expressar-se livremente com maior elaboração em suas respostas.

Destinados aos gestores, professores de 1º a 4º série do ensino Fundamental e aos alunos da 2ª série do ensino fundamental da referida escola, os questionários e as entrevistas tiveram como objetivo a coleta de informações precisas para a análise dos dados referente ao estudo monográfico. Dessa forma os questionários foram realizados com quatro professores, todos com formação superior, dois gestores e as entrevistas com 50% dos alunos da 2ª série do ensino fundamental.

3.2 - Perfil do Corpo Docente e Discente

Os profissionais da escola, como foram destacados pelas gestoras tratam-se de profissionais capacitados, trabalham com responsabilidade, amor, dedicação, harmonia,

competência e compromisso. São educadores que exploram conteúdos de natureza diversas, que abrangem desde os cuidados básicos essenciais aos conhecimentos específicos provenientes das diversas áreas do conhecimento.

Segundo a direção, os mesmos participam ativamente nas questões das atividades escolares de maneira prazerosa, criando situações de aprendizagens, dialogando com as famílias e a comunidade, buscando informações necessárias para o trabalho que desenvolvem, procurando investir cada vez mais em sua formação através de cursos de capacitação e atualização. Sendo assim só são admitidos neste estabelecimento professores que sejam habilitados em nível superior ou formados por treinamentos em serviço que segundo as gestoras é o caso do corpo docente desta escola.

Quanto aos discentes, a proposta pedagógica da escola está em trabalhar no sentido de que os alunos incorporem as metas de trabalho nas disciplinas, com o escopo de despertar o interesse, tornando o ensino-aprendizagem um elemento fundamental para o conhecimento em todos os aspectos.

A escola atualmente encontra-se com 318 alunos matriculados, distribuídos nos turnos manhã e tarde equivalente a educação Infantil e ao ensino Fundamental, e com uma turma extra de Educação de Jovens e Adultos (EJA) de 1ª a 3ª fase no turno da noite, estes são dados equivalentes ao ano de 2007 que constam no Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola.

3.3 – Análise dos questionários dos educadores

Ao realizarmos os questionários com os professores, tivemos como público disponível 4 professores, sendo que os outros se negaram a responder, alegando não terem tempo ou não estarem aptos para responder sobre a temática em foco. Os professores entrevistados são classificados da seguinte forma: uma com nível superior completo e especialização, duas com nível superior e uma que está concluindo a graduação. É importante destacarmos que todas as educadoras as quais fizemos as perguntas, possuem experiência na área da educação, em média 10 a 15 anos de ensino.

Ao indagarmos o que é literatura infantil, a professora A respondeu: “são histórias em livros que instigam e incentivam a vontade dos alunos (crianças) pela leitura, mostrando as histórias de forma criativa e divertida”. No primeiro momento observamos que a professora restringiu a literatura infantil aos livros, sendo que a mesma vai além dos textos impressos. Observamos também a importância que a mesma relata diante da literatura infantil para com o incentivo da leitura.

A professora B, relatou a literatura infantil da seguinte forma: “é um portador textual importante voltado para a criança”. As professoras C e D relataram que não se tem um significado, como podemos ver nas palavras da professora C: “eu não sei bem o que é literatura infantil não, acho que ela não tem um conceito, ela é indefinida”. Como nos mostra Coelho (2000, p. 27). Literatura é uma linguagem específica que, como toda linguagem, expressa uma determinada experiência humana, e definida com exatidão.

Com relação à importância da mesma para a formação de leitores, os professores responderam ser de suma importância, destacando que a mesma serve de suporte nas atividades a serem desenvolvidas, como nos mostra a professora A: “... sua relevância para formar leitores é de suma importância, pois através da literatura é que as crianças despertam enquanto cidadão crítico e participativo”. Professor C: “É muito importante, ela serve para ajudar nas atividades em sala e desenvolver o senso crítico”.

Os demais professores consideram importante a prática da literatura em sala de aula, pois a mesma proporciona um intercâmbio da realidade com a ficção. Com base nas respostas podemos dizer que os professores entendem que a literatura é o melhor caminho para levar o aluno a ler por prazer. Isso mostra o vínculo da literatura infantil com a educação, onde o texto para crianças é mais que um subsidiário para a educação formal, como também para o desenvolvimento crítico. Como podemos observar nas palavras de Cademartori (p.19, 1944):

A literatura, por sua vez, propicia uma reorganização das percepções do mundo e, desse modo, possibilita uma nova ordenação das experiências existenciais da criança. A convivência com textos literários provoca a formação de novos padrões e o desenvolvimento do senso crítico.
(CADEMARTORI, p.19, 1944)

Ao perguntar as dificuldades encontradas em se trabalhar com a literatura infantil, as respostas foram bem diversificadas, mais em sua maioria responderam não sentirem

dificuldades, mais sempre relatando que era muito raro o trabalho com esses suportes textuais. Como relata a professora C: “Não, eu não costumo trabalhar com a literatura infantil, quando vou utilizar algum texto faço apenas a leitura antes de alguma atividade. Gosto de utilizar o livro didático em si, é fácil e prático de se aplicar”.

Apesar das palavras dos professores demonstrarem não terem dificuldades quanto ao trabalho com a literatura, observamos que eles sentem dificuldades, preferindo o trabalho com os livros didáticos, pois encontram tudo pronto e acabado. Vale salientar que eles são fundamentais na formação de pessoas, mas não na formação de leitores. É preciso que haja a leitura de ficção, uma leitura prazerosa e emotiva.

Outros professores responderam que os alunos apesar de serem crianças não têm mais o prazer em brincar, são adultos em forma de crianças, como nos mostra a professora A: “A dificuldade encontrada é que os alunos perderam a magia de ser criança, não se envolvem com o mundo da leitura, pois o incentivo da família é mínimo, deixando de criar oportunidades para que os filhos sejam bons leitores, e de fato as escolas ainda não dispõem de um espaço para a leitura”.

Isso leva a pensar que essa professora não utiliza os textos e histórias adequadas para a idade dos educando e que a forma como os mesmos são trabalhados não suprem as necessidades dos educando. Um outro ponto destacado é quanto ao incentivo da família, pois como diz Cademartori (p.26,1994): “As crianças vêem diariamente o que fazem seus pais, imitam-nos”. Com isso observamos que se os pais são analfabetos ou não costumam ler, os filhos podem não obter o gosto pela leitura. Levando em consideração que apesar do analfabetismo, das diferenças quanto à classe social, os educando de camadas populares baixas têm grandes chances de se tornarem leitores, cabendo aos educadores o incentivo.

Em alguns momentos, os professores responsabilizam só a escola pelo fato dos alunos terem dificuldades quanto ao acesso a livros e a ambientes propícios para a leitura, esquecendo que esse processo de aprendizagem é um trabalho que envolve educando e escola, sendo o professor o principal mediador, não obtendo assim um posicionamento diante de si mesmo.

Para iniciar o tratamento da questão, convém ressaltar que a ação complexa de alfabetizar não é só responsabilidade da instituição escolar, porém, social e historicamente, esta foi incumbida para tal. Dessa forma compete ao trabalho pedagógico do professor uma função de caráter primordial, pela sua efetivação, o que insere suas concepções e ações num contexto de importância singular.

Ao perguntar aos professores como é trabalhada a literatura infantil em sala de aula. As respostas foram bem diversificadas, duas professoras responderam que são trabalhadas através de histórias contadas, gravuras cineminhas, CDs, filmes, etc. Destacando que após a exposição, cobram exercícios, uma professora utiliza como passa tempo, outra faz trabalho individual e coletivo.

Podemos dizer que os professores não utilizam a literatura para despertar o hábito e o prazer pela leitura, levando a criança a um mundo cheio de sonhos e fantasias. A literatura é utilizada como um recurso didático. Como nos mostra Abramovich (1997), quando relata que é através das histórias infantis, que os sujeitos podem fazer várias descobertas e construir outros jeitos de agir e de ser. Possuindo assim uma nova ótica de reflexão. Percebemos assim que para essa professora os textos literários têm a finalidade alfabetizadora, não um método que possibilite uma leitura mais lúdica de si e de tudo com que o sujeito conviver.

Sabemos que na prática de leitura deve-se priorizar a “leitura-prazer”, embora a “leitura pré-texto” mantém-se ainda seu espaço, com a função de gerar outros textos. Para que dessa forma os educando passem a se debruçar sobre um texto, para com ele estabelecerem uma interlocução, sem ser por obrigação. Lemos com os nossos sentidos, nossas emoções e nosso intelecto.

Quando indagamos sobre qual a influência dos pais ou familiares quanto a literatura infantil em casa e na escola, duas professoras responderam que os pais não consideram como atividade alguma leitura voltada a literatura infantil entre outras. Como podemos ver na resposta da professora B: “Muitos pais não consideram como atividade a professora pedir para ler algum gênero textual em casa”.

As outras professoras responderam que o incentivo quanto aos pais é mínimo, sendo que os mesmos em sua maioria não tiveram uma base educativa sólida, tendo pouca escolarização ou sendo analfabetos, trabalhando em atividades manuais. Nestas condições, exercem pouca influência sobre as práticas de leitura de seus filhos, muitas vezes ignoram atividades ou leituras exercidas pelos mesmos. Sendo observada nas palavras da professora A: “Os pais não influenciam, pois também não foram influenciados, abrindo ainda mais lacunas para a não formação das crianças”.

No que se trata a frequência com que é trabalhada a literatura infantil em sala de aula, às respostas foram bem diversificadas, uma respondeu que todos os dias, mais essa mesma em suas respostas anteriores falou que a utiliza apenas como passa tempo. Sendo assim observamos que a literatura infantil é trabalhada muitas vezes como passa tempo, distração.

Duas professoras responderam que às vezes trazem textos ou livros de literatura infantil para as aulas, como assinala a professora A: “Sempre que é possível, posso dizer que umas duas vezes por semana trago livros para a roda de leitura e apresentação sobre as histórias”. A professora D relatou que a escola não dispõem de material o suficiente para o trabalho com a literatura infantil, sendo assim a mesma relata que uma vez por semana faz a leitura de um gênero textual após as atividades.

Depois dos relatos observamos que a leitura na escola é apresentada como um círculo fechado, envolvendo apenas os livros didáticos e que muitas vezes não são distribuídos em quantidades o suficiente para os educando.

Quando indagamos sobre quais os critérios utilizados para com a recuperação dos alunos que apresentam dificuldades de leitura, duas professoras responderam que sentem bastantes dificuldades quanto a isso e que os critérios utilizados são atividades diferentes das outras crianças. Nota-se que os professores apesar de obterem um curso superior sentem dificuldades em aplicar atividades que possam favorecer o desenvolvimento dessas habilidades pelo educando.

As outras entrevistadas responderam que utilizam do trabalho grupal, da interpretação oral e das dramatizações, como mostra a professora A: “Os critérios utilizados, mesmo

sabendo que o aluno não domina a leitura é a interpretação oral, através de desenhos, sempre procurando agrupá-los para que consigam aprender com a intervenção da professora e ajuda dos amigos da sala”. Podemos dizer que essas professoras apesar das dificuldades desenvolvem atividades grupais e orais, favorecendo as crianças com dificuldades, mais as mesmas deixam a desejar em não utilizar a literatura infantil, através de fantoches ou dramatizações, buscando assim o gosto pela leitura, antes mesmos de obter essa habilidade.

Sabemos que antes era novidade falar de literatura na escola, enquanto hoje vem se criando um espaço para esses tipos de textos. Isto mostra que a mesma vem adquirindo seu próprio espaço no cotidiano escolar, deixando de ser um instrumento educativo, passando gradativamente a ser um entretenimento para as crianças. Sendo assim cabe aos educadores utilizá-la de forma correta.

Nesse sentido é importante dizer que os educadores são responsáveis pelo processo de ensino da leitura, para assim desenvolver nos leitores uma visão crítica da si mesmo e da realidade em que se vivem.

3.4 Análise dos questionários dos gestores

Ler sempre representou uma das ligações mais significativas do ser humano. A literatura oferece a leitura não apenas dos textos escritos, como também das figuras, através de uma leitura visual.

Tendo como público alvo a direção, as suas integrantes, diante da questão: a escola dispõe de algum projeto voltado para a literatura infantil, ou que favoreça o seu trabalho nas séries iniciais? As respostas foram claras e sucintas, relatando que não, que a escola nunca trabalhou a literatura infantil de forma clara, sempre que a mesma é trabalhada é através de textos aleatórios trazidos pelos professores. Relataram que já se trabalharam com projetos de leitura na escola, mais não utilizaram da literatura infantil para o desenvolvimento do mesmo, na perspectiva de incentivar para a leitura.

Percebemos que esta escola ainda não descobriu que os pequeninos podem ser cativados através da literatura infantil e desenvolverem assim o hábito pela leitura e a visão crítica

e compreensiva dos textos escritos ou não. Pois como nos mostra Cavalcanti (p.17, 2002), ao relatar que,

... para que nos tornemos leitores simbólicos, capazes de buscar o texto no “não dito” explicitamente, naquilo que está impresso na própria produção do sujeito – leitor, é necessário que alimentemos no indivíduo o permanente desejo pela descoberta do mundo, e isso somente conseguimos quando o caminho é apresentado e provocado no período da infância.

Assim podemos relatar que a literatura infantil não oferece “formulas mágicas” para o surgimento de sujeitos leitores, mas a mesma pode favorecer uma prática mais significativa, oferecendo à criança um significado maior do mundo da leitura.

Ao indagarmos sobre as contribuições da escola para que os professores possam trabalhar com a literatura infantil, as entrevistadas responderam que a escola dispõe de vídeo e alguns livros infantis. Como assinala a diretora: “A escola dispõe de alguns livros e um vídeo. Todo esse material fica a disposição dos professores e dos alunos”.

Diante dessas respostas observamos que a direção coloca a disposição o material disponível, mais apesar disso a escola não dispõem de projetos ou mini - cursos, os quais possam favorecer o trabalho dos professores com a literatura infantil.

Ao perguntar quais os materiais que a escola dispõe para o trabalho com a literatura infantil, as respostas foram às mesmas da pergunta anterior, relatando que são vídeos e alguns livros de histórias infantis. Dessa forma observamos que a escola segundo a direção dispõe de poucos recursos para o trabalho com a literatura infantil, sendo que os materiais que a mesma dispõe não favorece a todos os educando, ocorrendo assim a utilização apenas para o educador, sem que os educando possam pegar ou optarem por determinados livros.

Levando em consideração ao planejamento para desenvolver as atividades de leitura em sala as respostas foram diversificadas, sendo que a diretora respondeu que são realizados quinzenalmente, enquanto que a supervisora respondeu que: “São realizados quinzenal, mais o planejamento para o desenvolvimento de atividades de leitura acontece quase nunca”.

3.5 - Análise dos questionários dos educando

Durante a aplicação dos questionários, observamos que os nossos objetivos não estavam sendo alcançados com sucesso, dessa optamos por realizar as mesmas questões dos questionários em forma de entrevistas, indagando o porquê das respectivas respostas.

Na realização das entrevistas, os educando demonstraram ser jovens tímidos, pouco falantes, e de início mostraram-se um pouco amedrontados com o gravador, mais durante as entrevistas foram se desinibindo, explicando claramente o porque tinha respondido no questionário de tal forma, atribuindo a pesquisa uma grande contribuição.

Ao questionar como os alunos se sentem quando ganham um livro de presentes, obtive como resposta uma diversidade de situações, 60% responderam que se sentem felizes e 40% responderam que ficam um pouco triste.

Os que responderam ficar felizes, dizem ser devido ser bom ganhar presentes e tudo que se ganha torna-se uma alegria para eles. Como nos mostra o educando V: “Eu gosto muito de ganhar presente, assim, é, gosto muito, bom... eu... eu quando ganho fico feliz. Já ganhei um livro de historinha... foi meu pai que ... me deu. (risos)... mais já faz muito tempo.

Relatos como estes aparecem no decorrer da entrevista. O que se pode observar é que os educando gostam de ler, apesar de não obterem a influência dos pais com frequência.

Os outros educando que responderam se sentir triste ao ganhar um livro de presente, explicaram que isso ocorre devido ao fato de nunca terem ganhado este tipo de presente.

Diante do questionamento: como se sente quando gasta seu tempo lendo, as respostas foram bem diversificadas, 45% da turma responderam que ficam felizes 45% triste e 10% responderam ficarem muito bravos.

Os alunos que responderam se sentirem felizes ao gastar o seu tempo lendo, relataram que gostam de ler, apesar de não saberem ler corretamente. Os que responderam se sentirem triste, falaram que isso ocorre devido ao fato de não saberem ler e em alguns

casos de não dispor de materiais em casa e raríssimas vezes na escola. Como podemos ver nas palavras do educando C: “Eu não sei não... é que assim... aqui na escola tia traz, mais eu nem posso pegar pra ver... em casa eu nem tenho”. Os outros educando que responderam ficarem bravos relataram que sempre que vão ler alguma coisa são forçados, obrigados.

Ao perguntar se eles acham que vão gostar de ler quando forem grandes, as respostas foram diversificadas, sendo que a maioria, 70% dos entrevistados responderam que acreditam que não vão gostar muito, relatando não saber explicar o porquê e devido ao fato de não terem livros em casa, preferindo em muitos casos ver desenhos na TV ou jogar em vídeo games. Como podemos observar nas palavras do entrevistado B: “Eu acho que não... (risos). (pausa) Eu gosto é de assistir desenho. Quando tia manda ler as perguntas no quadro, eu não gosto não”. Como relata Casasanta (1974), ao dizer a criança aprende ao assistir TV, mais que a mesma pode ser prejudicial se exercida em excesso.

Os 20% dos entrevistados que responderam que vão gostar de ler quando crescer são crianças que avançam diante das outras, elas sabem ler e interpretar textos pequenos. Durante a pergunta os 10% dos educando que responderam que não vão gostar, são crianças com dificuldades de aprendizagem, em alguns casos são crianças especiais. Observamos também que essas crianças recebem um tratamento diferenciado das demais, ocorrendo assim para eles à exclusão.

Ao indagarmos como os mesmos se sentiam ao frequentar uma livraria as respostas foram surpreendentes, onde em sua maioria relatam não conhecer e em alguns casos relataram que já frequentaram mais não puderam observar os livros, sendo repreendidos por familiares.

Durante o questionamento se eles já tinham escutado alguma história e como se sentem ou se sentiram ao escutá-las, as respostas foram claras, demonstrando um interesse imenso de todos os entrevistados, relatando ficarem maravilhados e adorarem quando isso ocorre. Como podemos ver nas palavras a seguir do entrevistado C: “Eu gosto muito, tia quando trás eu gosto, eu peço direto a ela pra trazer, é bom, aquelas histórias, ver os desenhos. Eu gosto, tu tem?”.

Ao perguntar se os entrevistados quando vão à casa de amigos gostam de ler os livros deles, os relatos foram divididos, 50% gostam e 50% não lêem. Os 50 % que responderam gostar, relataram que gostam de ir para ler, observar as figuras, desenhar. Enquanto que os outros que não lêem, relataram que vão sempre para brincar e não estudar. Diante dessas respostas observamos que os educando já tem em mente a restrição da leitura como forma de obrigação, podendo assim crescer com receio da leitura.

Para finalizar as entrevistas fizemos o último questionamento, se eles conheciam algum poema e como se sentiam quando liam para eles. As respostas foram que não conheciam. Diante disso observamos que os educadores ainda estão em defasagem com alguns assuntos e até mesmo com o tema em estudo, a literatura infantil.

CAPÍTULO IX

4- REFLETINDO SOBRE A PRÁTICA DA LITERATURA INFANTIL EM SALA DE AULA

Sabemos que as dificuldades quanto ao gosto pela leitura vêm sendo estendida desde as séries iniciais até a fase adulta. Através dessa afirmação que pude comprovar durante uma pesquisa intitulada: LEITURA: Prática de Jovens Estudantes de Escola Pública da Cidade de Cajazeiras, durante as entrevistas onde a maioria dos entrevistados relatava o não gostar de ler por não terem tido uma alfabetização pautada no desenvolvimento de atividades relacionadas à leitura.

Com isso surgiu o interesse em observar como é trabalhada a literatura infantil nas séries iniciais e como a mesma pode ser trabalhada, à medida que pudesse inspirar em algum grau o interesse desses alunos desde as séries iniciais.

A partir do momento que a escola começa a trabalhar com a literatura infantil, se delinea alguns questionamentos, quanto às dificuldades na obtenção de livros, necessidade de uma biblioteca, um bibliotecário, problemas com a formação de professores, necessidade de “receitinhas”, etc.

Como forma de exercitar a prática pedagógica em sala de aula, utilizamos recursos didático-pedagógicos, que envolvesse a temática os quais pudessem favorecer um maior desempenho quanto às atividades, tais com: livros de histórias, jogos, músicas. O período de estágio aconteceu em 20 dias relativos, no final do mês de outubro e início de mês de novembro, com uma turma de vinte alunos, na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Manoel Gonçalves da Silva, com idades aproximadas entre nove e treze anos.

As atividades do estágio foram preparadas com o objetivo de estimular e fazer com que os alunos conhecessem um pouco a literatura infantil e seus suportes textuais. Para tanto foram utilizados, músicas, dinâmicas, exposições de livros, leitura de histórias, leitura dramatizadas, enfim atividades que estimulassem nos alunos o conhecimento da literatura infantil e o gosto pela leitura.

De acordo com o estudo aprofundado da temática através de alguns autores, de início foi implantado em sala de aula o “o cantinho da imaginação”, esse local foi implantado no final da sala, disponibilizava de uma caixa com livros de literatura infantil diversificados, esse local foi decorado com figuras de personagens das histórias, almofadas, etc.

Percebeu-se que durante a implantação do “cantinho da imaginação” os alunos mostraram-se curiosos quanto aos livros que estavam sendo expostos. Após a implementação do cantinho da imaginação, realizamos a história de João e Maria. Após a apresentação pedimos que cada um falasse um pouco da história e que eles formassem grupos de quatro e apresentassem a história para os colegas. Como a maioria não sabia ler, a história foi contada da forma como cada um conhecia.

As crianças mostraram-se altamente receptivos quanto ao novo material que estava sendo introduzido na escola. Outro ponto observado em sala de aula foi a forma como as cadeiras eram expostas, sendo todas em fileiras, observando assim uma organização tradicional que vem sendo desenvolvida até os dias atuais. Com isso, organizamos as cadeiras em forma de círculo, tentando fugir um pouco do tradicional.

No entanto, após um período de estágio, os alunos perguntaram se eles não iam mais estudar, se todas as aulas iam ser para brincar e ler. Isto nos deixou um pouco inquietos, pois apesar de todos os alunos se integrarem as atividades, mostraram-se altamente receptivos, levou-nos a passar por um momento que eles não estavam gostando. Com isso, começamos refazer os planos de aulas, sem fugir totalmente do tradicional, onde as aulas eram diversificadas, observamos assim que de forma dinâmica eles conseguiam absorver bem melhor os conteúdos.

No entanto, por mais que prefiram uma aula dinâmica, os alunos tem uma concepção de aula como uma educação “bancária”, onde a figura do Educador, tem a função de repassar os conteúdos, como nos mostra Freire (2005, p.66), ao retratar que:

Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósito que os educandos meros incidências recebem parcialmente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação

que se oferece aos educandos é o de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. (FREIRE, 2005, p.66)

Nessa perspectiva, as aulas deram continuidade, no segundo momento, o livro de história era apresentado as crianças, de forma oral e escrito, oculto por uma tira de cartolina presa a página, e as crianças iam através da Contação de história e das ilustrações, tentando “adivinhar” o texto. Normalmente era um livro de história por dia e um único exemplar, à medida que as ilustrações se iam sucedendo, a ansiedade tornava-se até incontrolável, tendo havido casos em que os alunos mais inquietos arrancavam literalmente os livros das mãos do professor para que pudessem chegar logo ao final da história

Estas adivinhações eram registradas como a história da classe e depois disso as tiras de cartolinas eram retiradas dos livros, e eles eram apresentados as crianças. Explorávamos capas, primeira página editora, ilustrador e acabávamos por ler o texto original.

Alem da leitura individual, aconteciam também à leitura coletiva ou leitura novela. Nesse caso, o professor lia diariamente capítulos de um livro. Ao iniciar essa prática percebíamos o desinteresse dos ouvintes. Enquanto se lia, lápis, borrachas, cadernos caíam, mas a partir do momento em que o narrador (professor) começava a ler o texto com um maior entusiasmo, o momento em que a história começava a enredá-los, essas demonstrações de aborrecimento eram substituídas por um crescente interesse e incessantes cobranças: “*AH! Tia, lê mais um pouquinho!*”, “*conta aquela outra!*” ou “*Que horas vai ler hoje?*”, e assim fomos resgatando as histórias dos livros de literatura infantil, em que em muitos casos as crianças dispunham deles em casa e na escola e não tinham a curiosidade de conhecê-los. Com isso observamos o quanto é importante que os professores possuam habilidades para que possam contar as histórias, pois como nos mostra Casasanta (1974, p.57):

Para se contar bem uma história é preciso possuir habilidade, treino e conhecimento técnico do trabalho, pois os valores artísticos, lingüísticos e educativos dependem da arte do narrador. (CASASANTA, 1974, p.57)

O espaço para ler foi idealizado, mas como resolver o problema que se impõe sempre ao término de uma atividade? Como “cobrar” a leitura?. Estes tipos de questionamento

sempre surgem. E depois da leitura individual, da novela, do teatro, o que faço? Como fico sabendo se os meus alunos estão realmente lendo, entendendo?

Parece-nos difícil levar o aluno a ler por gosto, por prazer, se vincular a leitura a uma tarefa escrita posterior. Desta forma só havia uma maneira de trabalhar com eles a leitura detalhadamente, sem que eles percebessem que estavam sendo cobrados. Isso ocorreu através de questionamentos sobre os textos estudados.

Como a temática em estudo é literatura infantil, buscamos trabalhar a mesma de forma interdisciplinar com todas as disciplinas. Com as histórias os alunos iam aprender os diversos conteúdos. Um dos momentos que pode ser destacado foi o trabalho com a história “os três porquinhos” dentro do conteúdo paisagens da disciplina de geografia, onde cada criança identificava as paisagens que eles consideravam natural e modificada.

Dessa forma, acreditamos que as realizações destas atividades foram de grande valia, onde conseguimos de alguma forma implantar o gosto das crianças pela leitura através da literatura infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho tem por finalidade possibilitar uma maior compreensão a cerca da prática docente no trabalho com a literatura infantil, oportunizando aos educadores e aqueles que tiverem acesso a essa pesquisa de conhecer mais sobre a temática e suas contribuições para a formação de leitores.

Tendo em vista as análises feita anteriormente e buscando refletir acerca da pesquisa intitulada: A LITERATURA INFANTIL E SUAS POSSIVEIS CONTRIBUICOES PARA A FORMACAO DE LEITORES; acreditamos ser de grande importância, na qual conseguiu-se inspirar, em algum grau, os alunos com os quais lidamos diretamente, o “hábito” de leitura, para que prossigam na vida e possam tornar-se leitores assíduos.

Com essas considerações, concluo esse trabalho, buscando chamar a atenção de educadores para com a realização de trabalhos a partir da literatura infantil, para que os mesmos possam trabalhar de forma construtiva e dinâmica. Tomo como referência as palavras de Clarice Lispector (1999), que esta pesquisa possa florescer o desejo naqueles que façam sua leitura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Maria Antonia A. de. *Cultura Política, Identidade e Representações Sociais*. Recife: FJN: Massangana, 1999.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1979.

CADERMARTORI, Lígia. *O que é literatura infantil*. 6ªed., São Paulo: editora brasiliense: 1995.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. *Compendio de literatura infantil*. 3ªed. São Paulo: IBEP, 1980.

CASASANTA, Tereza. *Criança e literatura*. 4ªed., Belo Horizonte: Editora Veja S: A: 1974.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria análise e didática*. 7ªed. São Paulo: Moderna:,2000.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. *Literatura infantil: teoria e pratica*. 18ª ed., São Paulo: Ática:2004.

SOLÉ, Isabel; SCHILINE, Cláudia. *Estratégias de leituras*. 6 ed. Porto Alegre: Artmed,1998.

FREIRE, Paulo. A IMPORTANCIA DO ATO DE LER: em três artigos que se contemplam. 18ªed., São Paulo: Cortez: autores associados, 1987.

FERNANDES, Dorgival G. *IR REMEDIÁVEL CAMPO DE SONHOS DE FUTURO: Representações Sociais da Escola entre Jovens Estudantes de Escola Pública no Sertão Nordeste*. 2003, 269 f. Tese (Doutorado em Educação)-Centro de Educação e Ciências Humanas Federal de São Carlos, São Carlos-SP.

RICHARDSON, Roberto Jarry. *Pesquisa social: Métodos e técnicas*. SP: atlas, 1985.

ANEXOS

I- QUESTIONÁRIO DE PESQUISA MONOGRÁFICA

TEMA: A LITERATURA INFANTIL E SUAS POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CAJAZEIRAS-PARAIBA**

Caro professor (a),

Solicitamos que responda o questionário que segue. O mesmo faz parte de um estudo referente às relações raciais no âmbito educacional, que culminara em um trabalho monográfico, indispensável para a conclusão do curso de pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG/CFP).

Ressaltamos que as respostas servirão apenas para fins acadêmicos, e suas identidades serão mantidas em absoluto sigilo.

Esperamos contar com a sua colaboração.

Atenciosamente,

Zaira de Aquino Carolino

Questionário

Formação:

Série que leciona:

Tempo que atua como professor (a):

- 01- O que é literatura infantil e qual a importância da mesma para a formação dos alunos quanto leitores?
- 02- Quais as dificuldades encontradas em se trabalhar com a literatura infantil?
- 03- Como é trabalhada a literatura infantil em sala de aula?
- 04- Qual a influência dos pais ou familiares quanto a literatura infantil em casa e na escola?
- 05- Com que frequência é trabalhada a literatura infantil na sala de aula?
- 06- Quais os critérios utilizados para com a recuperação dos alunos que apresentam dificuldades de leitura?

II- QUESTIONÁRIO DE PESQUISA MONOGRÁFICA

TEMA: A LITERATURA INFANTIL E SUAS POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CAJAZEIRAS-PARAIBA**

Caro gestor (a),

Solicitamos que responda o questionário que segue. O mesmo faz parte de um estudo referente às relações raciais no âmbito educacional, que culminara em um trabalho monográfico, indispensável para a conclusão do curso de pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG/CFP).

Ressaltamos que as respostas servirão apenas para fins acadêmicos, e suas identidades serão mantidas em absoluto sigilo.

Esperamos contar com a sua colaboração.

Atenciosamente,

Záira de Aquino Carolino

Questionário

Formação:

Tempo que atua como gestor (a):

01- A escola dispõe de algum projeto voltado para a literatura infantil, ou que favoreça o seu trabalho nas séries iniciais?

02- Quais as contribuições da escola para que os professores possam trabalhar com a literatura infantil?

03- A escola dispõe de algum material favorável para o trabalho com literatura infantil?

() Sim () Não

() Vídeos;

() Livros de histórias infantis;

() Revistas em quadrinho;

entre outros.

04- Como é realizado o planejamento para desenvolver as atividades de leitura em sala?

- individualmente;
- com a ajuda de professores;
- pais;
- mensalmente;
- quase nunca;
- nunca.

05- Em sua opinião como a literatura infantil pode contribuir para com o aperfeiçoamento da leitura nas séries iniciais?